

Saída estratégica

Na quarta-feira de Cinzas, o vereador Cristiano Braatz (MDB) comunicou à imprensa que está se afastando da “folia”, ou melhor, do processo de Impeachment do prefeito Kadu Müller. Sorteado para integrar a comissão encarregada do processo, ele renunciou supostamente para preservar a “lisura” da instrução. Como tem um processo contra o advogado do prefeito, Cristiano acredita que suas ações poderiam ser consideradas retaliação, comprometendo a imagem do grupo e da própria Câmara. Assim, sem novo sorteio, a vaga foi entregue a seu colega de partido, Felipe Kinn da Silva.

Críticas - Assim que a notícia ganhou as redes sociais, Braatz virou alvo de uma saraivada de críticas. O “bom-mocismo” do vereador foi interpretado basicamente de duas maneiras. Um grupo entende que seu argumento é “fraco” - a palavra da moda nos últimos dias. Como ele é vereador de oposição e o advogado está do outro lado, eventuais embates seriam naturais. Um segundo grupo foi ainda mais duro, sugerindo que o legislador está “envolvido” em alguma irregularidade e, por isso, preferiu se abster da investigação. Enfim, o tiro saiu pela culatra.

Fuga? - Pessoas ligadas ao prefeito acreditam que a decisão tem a ver com a defesa prévia. Para elas, o advogado Jorge Fernandes foi tão competente em mostrar que não há provas para cassar Kadu, que Cristiano preferiu deixar a comissão para não ter de continuar defendendo a cassação, como seus colegas de oposição esperam.

Votações - O advogado Jorge Fernandes ficou surpreso com a decisão do vereador. “Se não se sente à vontade com a minha atuação na defesa do prefeito e como vou continuar esse trabalho, pela lógica, o vereador deve se abster de todos os próximos encaminhamentos do processo”, alfineta. Em poucos dias, os vereadores serão obrigados a se posicionar pela continuidade ou não do processo. Será que Cristiano caiu em sua própria armadilha?